

Modalização em artigos científicos da área da Linguística Modalization in Scientific Papers of the Linguistic Field

Valdete A. Borges Andrade*
Luiz Carlos Travaglia**

RESUMO: Este estudo tem por objetivo analisar as modalidades no gênero artigo científico da área da Linguística e as funções que elas exercem como marcadores de atitudes do falante, verificando sua relação com a argumentatividade nesse gênero de texto: Sabemos que ao produzir textos as pessoas sempre os modalizam. Nossa hipótese é que nos artigos científicos as modalidades têm funções ligadas à argumentação. Para o desenvolvimento da pesquisa, fizemos um estudo teórico do texto e do discurso sob o ponto de vista de Bakhtin (1997) e Travaglia (1991), e investigamos a estrutura argumentativa desse gênero, tomando como base teórica Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002). A metodologia que optamos é de caráter qualitativo, focalizando os aspectos linguísticos e sociais do gênero artigo científico da área da Linguística. Neste estudo, observamos que, para ganhar a adesão do leitor, os autores utilizam as modalidades epistêmicas em toda a construção do texto, entretanto, verificamos que esse tipo de modalidade apresenta diferentes funções para cada uma das partes da superestrutura do texto. Já a modalidade volitiva aparece apenas na introdução e no final da conclusão para marcar intenções e pretensões. Observamos também que nos artigos científicos as modalidades mais usadas são as epistêmicas, aléticas e deônticas, enquanto as volitivas e imperativas pouco aparecem.

PALAVRAS-CHAVE: Artigo científico. Modalidades. Argumentação.

ABSTRACT: This study aims to analyze the modalities in the scientific paper genre of Linguistics field, the functions they perform as markers of speaker's attitudes and the relationship of these modalities with the argumentation in this text genre. Our hypothesis is that in scientific papers, modalities have functions related to the argumentation. In this research, a theoretical study of text and discourse was done according to Bakhtin (1997) and Travaglia (1991), then the argumentative structure of this genre was investigated, taking as theoretical basis Perelman and Olbrechts-Tyteca (2002). The qualitative methodology has been used to focus on linguistic and social aspects of the scientific paper genre of Linguistics field. In this study, it was found that in order to have the support of the reader, the authors use the epistemic modalities throughout the construction of the text. However, it was observed that this kind of modality has taken different functions for each part of the text superstructure, while the volitional modality appears only in the introduction and at the end of the conclusion to mark intentions and pretensions. Also, it was noted that in scientific papers the most commonly used modalities are the epistemic, deontic and alethic, while the volitional and imperative modalities are less used.

KEYWORDS: Scientific paper. Modalities. Argumentation.

* Doutora em Análise de Discurso Crítica (Bolsa Capes). Mestre em Linguística Textual. Instituto de Letras e Linguística (Ileel). Universidade Federal de Uberlândia (UFU). valborgesandrade@gmail.com

** Professor e pesquisador na área de Língua Portuguesa e Linguística do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Site: www.ileel.ufu.br/travaglia

1. Introdução

Em todas as atividades humanas, sem dúvida, a língua é um dos principais instrumentos para que as interações sociais aconteçam. Segundo Bakhtin (1997, p. 279), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”, que sempre ocorre por meio de textos por meio dos quais interagimos na comunicação. É por meio de textos que a língua funciona. Estudá-los tornou-se essencial para a área da Linguística Textual, pois conhecendo o “funcionamento” da língua, o falante adquire competência linguística para produzir e compreender diferentes categorias de textos.

Um dos principais objetivos de um produtor textual é convencer o ouvinte ou leitor de seus posicionamentos, para isso, ele deve argumentar a favor de suas ideias, mobilizando alguns recursos. Sobre a produção textual, Bentes explica que

[...] a produção textual é uma *atividade verbal consciente*, isto é, trata-se de uma atividade intencional, por meio da qual o falante dará a entender seus propósitos, sempre levando em conta as condições em que a atividade é produzida; considera-se, dentro dessa concepção, que o sujeito falante possui um papel ativo na mobilização de certos tipos de conhecimentos, de elementos linguísticos, de fatores *pragmáticos e interacionais*, ao produzir um texto. (BENTES, 2001, p. 254).

Nesse sentido, considerando a produção textual como uma atividade intencional, vale destacar a importância de alguns elementos utilizados em uma interação comunicativa. Neste estudo, vamos focalizar as modalidades. Mas, o que são modalidades? Basicamente as modalidades são caracterizadas pela marcação de atitude do falante em relação ao que ele diz. Segundo Travaglia (1991, p. 78), “[...] tem-se definido modalidade como a indicação de atitude do falante em relação ao que diz; a explicitação de sua atitude face à situação que exprime numa proposição; a expressão do julgamento do locutor sobre o que diz”. Seguindo a perspectiva desse autor, podemos concluir que as modalidades estão comprometidas com a produção do enunciado, pois revelam um grau de engajamento maior ou menor de acordo com as escolhas do enunciatador.

Também importa aqui explicitar como concebemos a modalização, pois na análise iremos verificar tanto as regularidades de ocorrência das modalidades quanto o papel da modalização nos artigos científicos da área da Linguística. Assim como Guimarães, entendemos por modalização a utilização de “todos os elementos linguísticos que funcionam como indicadores de intenções, dos sentimentos e das atitudes do enunciatador em relação a seu

discurso” (GUIMARÃES, 2005). O enunciador ao construir um texto oral ou escrito utiliza a modalização para marcar sua atitude. Como nos artigos científicos os recursos linguísticos, com frequência, têm um uso argumentativo *stricto sensu* vai nos interessar o uso argumentativo da modalidade.

Para a pesquisa, nossa posição é a de que o artigo científico, como qualquer outro texto científico, torna-se extremamente persuasivo e manipulador para o leitor “ingênuo” que não possui conhecimento sobre o funcionamento de recursos linguísticos disponibilizados pela língua, dentre eles, os modalizadores, objeto deste estudo. Assim, nossa hipótese neste estudo é que as modalidades (e os modalizadores que as expressam) têm um uso argumentativo na construção dos artigos científicos, contribuindo para o convencimento e persuasão do receptor do texto quanto às ideias propostas. Dessa forma, considera-se que o produtor do discurso científico busca convencer o leitor da “veracidade” do enunciado e, ao mobilizar os modalizadores linguísticos, ele os utiliza como estratégia persuasiva e manipuladora na produção de seu texto. A modalidade é um importante recurso para a argumentação.

Nosso objeto de estudo é o gênero artigo científico publicado em revistas da área da Linguística, dentro do seu contexto sócio histórico, ou seja, esta pesquisa se dedica ao estudo deste gênero considerando tanto a sua constituição interna quanto os fatores externos de sua produção.

Como a proposta dessa pesquisa é de natureza textual-discursiva, o *corpus*, conseqüentemente, é constituído por textos. Sendo assim, o *corpus* deste estudo é composto por dez artigos da área citada, os quais foram retirados de publicações em revistas impressas e *internet*. Para a seleção desse *corpus*, priorizamos revistas que tem o indicador de qualidade com a classificação Qualis A e B. Vale lembrar que esse indicador é monitorado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), órgão que busca um padrão de excelência acadêmica. A seleção de artigos com a avaliação feita pela Capes nos foi útil, pois serviu como parâmetro para garantir a qualidade do conteúdo dos artigos científicos analisados e que, supostamente, garantiu um *corpus* de artigos científicos bem produzidos, eficientes em seu propósito.

Este estudo justifica-se por contribuir com os estudos da Linguística Textual no que se refere à investigação e análise das modalidades em relação à produção e compreensão de um gênero particularmente importante no meio acadêmico-científico: os artigos científicos. Além disso, em uma pesquisa preliminar, não encontramos estudos que se referem à modalização em

artigos científicos na área da Linguística como também que correlacionem modalidade e argumentação dentro do gênero artigo científico em geral. Neste sentido, também consideramos relevante e pertinente este estudo como forma de abordagem e estudo linguístico dos textos científicos, até para melhor entendimento de recursos persuasivos presentes em outros tipos de textos.

Como a proposta dessa pesquisa é de natureza textual-discursiva, o *corpus*, conseqüentemente, é constituído por textos, mais especificamente por artigos da área citada, os quais foram coletados de uma literatura mais atual, mais especificamente da última década, retirados de publicações em revistas impressas e digitais na *internet*. Os dez artigos componentes do *corpus* estão listados no Anexo 1.

Como foi dito anteriormente, os recursos linguísticos são importantes subsídios para a argumentação, visto que todo discurso, mesmo que de forma implícita, é argumentativo. Sabemos que o discurso científico se caracteriza como discurso argumentativo, pois a finalidade do produtor textual é persuadir/convencer o leitor. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), persuadir é mais que convencer, assim não adianta convencer sem desencadear a ação, ou seja, a persuasão. Portanto, o produtor, para ser eficiente ao produzir um texto, necessita ser convincente e persuasivo, selecionando recursos linguísticos para buscar a adesão do leitor em relação ao que é dito.

Para a nossa análise, utilizamos os estudos da Linguística Textual que têm comprovado que a análise interna do texto deve ser feita, levando-se em conta o contexto social em que ele foi produzido, e que, portanto, não é possível realizá-lo sem considerar a estrutura social na qual o texto acontece. Entendemos que as marcas linguísticas, por sua vez, possuem um aspecto social e histórico. É esse enfoque que adotamos neste estudo, haja vista a importância dos recursos linguísticos de modalização para a realização da intenção comunicativa do falante. No que diz respeito à argumentação tomamos como referencial teórico o que é proposto por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002).

Os pressupostos aqui expostos foram pertinentes na medida em que nos conduziram à análise dos textos científicos sob diferentes pontos de vista.

2. Pressupostos teóricos

2.1 Definição de modalidade sob o ponto de vista de diferentes autores

A partir dos trabalhos de Aristóteles, vários autores têm definido modalidades como as marcas de atitude do falante em relação ao que ele diz. Segundo Koch (1996, p. 75), “[...] consideram-se as modalidades como parte da atividade ilocucionária, já que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz”. De acordo com a referida autora, as modalidades mais reconhecidas são as aléticas, ontológicas ou aristotélicas, pois se referem ao eixo da existência, ou seja, determinam o valor de verdade de proposições.

Travaglia (1991, p. 78) explica que “[...] tem-se definido modalidade como a indicação de atitude do falante em relação ao que diz; a explicitação de sua atitude face à situação que exprime numa proposição; a expressão do julgamento do locutor sobre o que diz.”

Segundo Travaglia (1991, p. 65-69), as modalidades são assim definidas:

- 1- As **modalidades imperativas** marcam o que o falante vê o que diz como algo cuja realização ou não por outrem ou por ele mesmo é algo que ele pode determinar. Ele encara o que é dito como uma situação sobre cuja realização ele tem controle ou poder.
- 2- As **modalidades deônticas** têm a ver com a moral, o tratado dos deveres, das normas de conduta.
- 3- Na **modalidade volitiva**, a “determinação” de realização da situação é interior ao locutor, originada em sua vontade, desejo, portanto em sua emotividade ou elementos profundos da psique que cabe mais à psicanálise determinar.
- 4- As **modalidades aléticas** referem-se ao fato de o locutor ver a realização da situação como algo possível, viável (possibilidade) ou necessário, ou seja, como algo essencial, indispensável, inevitável (necessidade).
- 5- As **modalidades epistêmicas** têm a ver com “o comprometimento da fonte a respeito de status factual do que ele está dizendo” (LYONS, 1969, p. 307 apud KALMÁR, 1982, p. 46), elas revelam “a crença do locutor na verdade do que diz, no momento da enunciação” (GUIMARÃES, 1979, p. 67)

Travaglia (1991) propõe o seguinte Quadro de modalidades que consideramos em nossa pesquisa.

Quadro 1 – Modalidades.

Imperativas	Obrigação	
	Permissão	
	Ordem	Positiva
		Negativa
	Proibição	
	Prescrição	
Deônticas	Obrigatoriedade	
	Permissibilidade	
Volitiva	Volição	
Aléticas	Necessidade	
	Possibilidade	
Epistêmicas	Certeza	
	Probabilidade	
Ausência de modalidade		

Fonte: Travaglia (1991, p. 66).

Esse quadro das modalidades foi selecionado para compor nosso estudo, uma vez que, além de conceituar de maneira clara e objetiva as modalidades linguísticas, ele é mais completo que as abordagens das modalidades clássicas que têm origem nos trabalhos de Aristóteles. As modalidades consideradas tradicionais são assim divididas: aléticas, epistêmicas e deônticas. Entretanto, Travaglia (1991, p. 79) por considerar que o modelo clássico é incompleto para mostrar as nuances de atitude do falante, acrescenta às modalidades clássicas, as volitivas e as imperativas.

De acordo com Koch (1996, p. 87), existem vários tipos de lexicalização possíveis das modalidades, como: a) os performativos explícitos; eu ordeno, eu proíbo, eu obrigo, eu permito etc.; b) auxiliares modais: poder, dever, querer, precisar, ter de/que, etc, em formas perifrásticas com o infinitivo; c) os predicados cristalizados: é certo, é preciso, é possível, é necessário etc.; d) os advérbios modalizadores: provavelmente, certamente, possivelmente, realmente etc.; e) os modos e tempos verbais; f) os verbos de atitude proposicional: eu creio, eu sei, importa; g) a entonação; h) os operadores argumentativos: pouco; um pouco, etc.

Nesse estudo, iremos verificar, a partir de uma abordagem semântica, pragmática e discursiva, regularidades/generalizações do funcionamento das modalidades de acordo com os tipos de lexicalização propostos por Koch (1996, p. 87).

2.2 Argumentação na perspectiva de Perelman e Olbrechts-Tyteca

Muitos são os pesquisadores que estudam sobre a argumentação, entre eles, destacamos Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) que explicam que toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual. Para que esse contato aconteça, é necessário que aquele que fala leve em consideração seu auditório, pois quem ouve, na realidade, é quem comanda o uso dos processos argumentativos.

É imprescindível em um discurso argumentativo a existência de um **auditório**, seja ele universal ou particular. Para o produtor do texto, o auditório refere-se aos indivíduos a quem ele quer convencer/persuadir. Entretanto, para que o discurso argumentativo seja eficiente, é preciso saber a quem se pretende persuadir ou convencer, pois o êxito da argumentação vai depender da relação que o orador estabelece com seu interlocutor e da seleção dos argumentos. Aquele que fala deve conhecer qual é seu auditório, se particular ou universal, para buscar argumentos convincentes e, assim, ganhar sua adesão. Aquino assevera que

[...] um discurso argumentativo deve, pois, refletir o modo de pensar da comunidade da qual seu auditório faz parte, suas opiniões dominantes, suas convicções mais arraigadas, e, fundamentalmente, a função social dos participantes naquela comunidade. (AQUINO, 1997, p. 24).

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), a variedade dos auditórios é quase infinita e que, querendo adaptar-se a todas as suas particularidades, o orador vê-se confrontado com inúmeros problemas. Assim, esses autores acreditam que a causa da busca pelas técnicas argumentativas seja desencadeada pelo desejo do orador de conseguir um maior número de adeptos.

Primeiramente, antes de dominar essas técnicas, “[...] o locutor deve adaptar seu discurso ao auditório, selecionando, organizando e apresentando os argumentos adequados aos seus objetivos e às características das pessoas que compõem este auditório” (ARRUDA-FERNANDES, 1997, p. 24). Isto é, torna-se necessário que o locutor conheça as crenças, as opiniões, os valores que esse auditório tem por admitido, para a escolha de seus argumentos.

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), persuadir é mais que convencer, assim não adianta convencer sem desencadear a ação, ou seja, a persuasão. Portanto, o produtor, para ser eficiente ao produzir um texto, necessita ser não só convincente, mas também persuasivo. Os autores se propuseram a chamar de persuasiva a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar convincente àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional (auditório universal). Nessa perspectiva, o locutor tem duas intenções: a de convencer e a de persuadir.

O auditório universal refere-se a toda a humanidade, ou seja, abrange todas as pessoas independentemente de cultura, raça ou época. Segundo Aquino, “[...] a argumentação dirigida a um auditório universal procura convencer os interlocutores da evidência das razões apresentadas e de sua independência de contingências locais ou históricas” (AQUINO, 1997, p. 161). Já o auditório particular é composto por um grupo de pessoas que tem traços em comum, ou composto apenas por um indivíduo. Na argumentação científica espera-se que ela atinja todo ser racional, ou seja, que seja voltada para um auditório universal.

Sabemos que o objetivo da argumentação é conseguir adesão ou aumentar o grau de adesão dos indivíduos para um determinado fato, para tanto o enunciador utiliza estratégias argumentativas para que esses fatos sejam aceitos. Assim, ao falar, as pessoas agem retoricamente, ou seja, selecionam recursos linguísticos de acordo com sua intenção comunicativa para atingir seus objetivos na comunicação. Dentre esses recursos, temos as modalidades, as quais atuam na argumentação ao lado das pressuposições, dos operadores argumentativos, das marcas de intenções, dentre outros. O papel das modalidades na argumentação em artigos científicos é o foco neste estudo, em que se tomou como *corpus* artigos científicos da área de Linguística.

2.3 Gênero artigo científico e suas estratégias persuasivas: breves considerações

Partimos do pressuposto de que “[...] todo texto, é argumentativo, porque todos são, de certa maneira, persuasivos. Alguns se apresentam explicitamente como discursos persuasivos, como a publicidade, outros se colocam como discursos de busca e comunicação do conhecimento, como o científico” (PLATÃO; FIORIN, 1996, p. 284). Devemos considerar que, em nossa cultura, desde a antiguidade, perpetua-se o mito da imparcialidade e da neutralidade do discurso científico. Acredita-se que o valor da ciência está na construção da objetividade científica.

Entretanto, deve-se considerar que, em qualquer ato de fala, a neutralidade ao relatar fatos ou acontecimentos não existe, mesmo que essa imparcialidade seja um dos objetivos do falante. O produtor de um discurso científico tenta ser objetivo e, por vezes, camufla a subjetividade, buscando a neutralidade. Sabemos que essa neutralidade e imparcialidade estão longe de serem alcançadas, pois todo falante pertence a um contexto histórico-social e está inserido em uma determinada comunidade discursiva (SWALES, 1990) e, portanto, seus valores, crenças e costumes se manifestam sob diferentes vozes (polifonia) no discurso científico, o que dificulta a obtenção da objetividade científica.

Segundo Coracini (1991, p. 113), “[...] a modalidade é a expressão da subjetividade de um enunciador que assume com maior ou menor força o que enuncia, ora comprometendo-se, ora afastando-se, seguindo normas determinadas pela comunidade em que se insere”. Assim, para cada enunciado, o produtor do texto seleciona determinados elementos linguísticos como estratégia argumentativa para persuadir e manipular o leitor.

Deste modo, os marcadores linguísticos têm a função de modificar o sentido do texto a partir da intenção comunicativa do produtor. Ou seja, aquele que tiver um maior conhecimento sobre este assunto será mais bem-sucedido em relação ao seu propósito comunicativo, pois operacionalizando tais recursos, o falante consegue convencer com mais facilidade o leitor sobre suas descobertas, no caso, científicas.

Assim, é por meio dessas marcas ou pistas linguísticas, que o produtor textual constrói a argumentação e materializa sua intenção comunicativa. Estes recursos utilizados, portanto, revelam o caráter “manipulador” dos textos que circulam na sociedade.

2.4 A superestrutura do gênero artigo científico

Segundo Marconi e Lakatos (1982), exige-se sempre a mesma estrutura nos artigos científicos: introdução, desenvolvimento e conclusão, que é basicamente a superestrutura de quase qualquer texto dissertativo. O uso dessa padronização ajuda em uma possível avaliação, pois o autor, ao utilizá-la, dá indícios de que teve um cuidado especial ao “construir” o texto e uma maior preocupação com o conteúdo.

Já Van Dijk (1983) assevera que a superestrutura do gênero artigo científico apresenta uma variante especial das superestruturas argumentativas. Para ele, a estrutura básica do artigo científico consiste em uma conclusão e sua justificativa, como também a colocação de um problema e uma solução. Para Van Dijk (1983), os discursos científicos se apresentam bem

diferentes em diferentes disciplinas, e sua estrutura global pode ser claramente modificada. Entretanto, a aceitabilidade da publicação vai depender de uma série de critérios que exigem métodos e comunicação adequados. Ou seja, para ele não é necessário que um artigo tenha um esquema canônico como o de Castro (1976). Concordamos com Van Dijk, embora tenhamos observado que os artigos científicos pertencentes à área da Linguística tenham alguns requisitos básicos.

A seguir propomos uma superestrutura que consideramos pertinente para o nosso estudo, porque observamos que, na maioria dos artigos científicos da área da Linguística, são exigidas, geralmente, as seguintes categorias:

- a) **Resumo:** breve exposição do texto, em que apenas os aspectos mais relevantes são apresentados. Essa parte do artigo deve vir em Português e em outra língua;
- b) **Palavras-chave:** são palavras específicas que têm o propósito de deixar claro qual é o assunto tratado, ou seja, os pontos básicos que são tratados no artigo;
- c) **Introdução:** refere-se à apresentação dos objetivos, das questões de pesquisa, do *corpus*, da metodologia, das hipóteses, das partes do texto e do que trata cada uma;
- d) **Desenvolvimento:** parte do texto em que se apresentam as análises, as propostas e uma sustentação para elas que geralmente se refere a aspectos de teorias utilizadas como instrumento nas análises. Nesta parte do artigo parece acontecer mais especificamente a argumentação;
- e) **Conclusão:** em que geralmente se faz um balanço do que foi conseguido. Às vezes, é a parte do artigo em que se apontam as falhas do estudo, o que constitui uma estratégia argumentativa. Na verdade, ao mostrar que falta algo, o autor está dando credibilidade para o trabalho dele, quer dizer, ele mostra que seu artigo é confiável, digno de credibilidade. Além disso, podem aparecer perspectivas de continuidade dos estudos.

Além de correlacionar determinados fatos com as categorias da superestrutura do artigo científico, verificou-se também que determinadas modalidades se correlacionam com o que chamaremos de “movimentos” que acontecem nos artigos científicos.

O termo movimento é definido por nós, com base nos movimentos propostos por Swales (1990) para análise da introdução de artigos científicos, como ações que o autor realiza ao apresentar suas ideias relacionadas com seu estudo. Assim, consideramos movimentos quando o autor apresenta pretensões/objetivos do estudo, apresenta dados, ataca uma posição de outrem, apresenta resultados, discute alternativas para a interpretação dos dados analisados, contrapõe sua posição à de outrem. Dito de outra forma, o movimento é tudo aquilo que o autor está fazendo num determinado momento do artigo, quando, por exemplo, na introdução ele apresenta os objetivos, o corpus, as hipóteses, a metodologia; no desenvolvimento quando ele apresenta a análise dos dados e resultados; ou na conclusão quando ele faz o balanço geral do que foi apresentado.

A seguir listamos os movimentos que foram utilizados na análise.

- Movimentos que fazem parte da introdução:
 - a) Especificar do que trata a pesquisa: parte do artigo em que é contextualizado o assunto que será abordado;
 - b) Apresentar objetivos: colocação das metas que se pretende atingir;
 - c) Apresentar *corpus*: apresentação do material analisado;
 - d) Apresentar metodologia: apresentação do método empregado, ou seja, qual a linha de pesquisa utilizada, como por exemplo, se quantitativa e/ou qualitativa e os passos seguidos na pesquisa;
 - e) Apresentar hipóteses: parte do artigo em que são feitas colocações preliminares antes da comprovação dos resultados da análise. Ou melhor, esta parte do texto refere-se aos possíveis resultados que poderão ser validados no final da análise.

- Movimentos que fazem parte do desenvolvimento:
 - a) Apresentar dados: apresentação dos elementos do corpus que são especificamente objeto de estudo e análise;
 - b) Análise dos dados: refere-se à análise pormenorizada e aprofundada do corpus, com análises, explicações e questionamentos. Esta é a parte do artigo em que podem aparecer soluções para questões conflituosas, ou apenas a exposição de causas e consequências de um problema;

- c) Refutação de ideias: colocação de ideias defendidas por outros autores com o objetivo de, posteriormente, contra argumentá-las, dando enfoque contrário ou divergente ao que já se tem como conhecido.
- Movimentos que fazem parte da conclusão:
 - a) Balanço dos resultados: síntese das ideias defendidas, ou seja, faz-se a retomada do assunto abordado, destacando as contribuições básicas do estudo ou pesquisa. Esta é a parte do artigo em que, muitas vezes, aparece a avaliação dos dados analisados;
 - b) Apresentar perspectivas: apresentação de uma possibilidade, sugestão ou até mesmo uma recomendação para ampliação da pesquisa.

Convém ressaltar que neste estudo utilizamos a estrutura que acabamos de propor, partindo das superestruturas propostas por Castro (1976) e por Van Dijk (1983), por ser a que tem sido comumente exigida pela área da Linguística. Os movimentos foram propostos por nós por terem uma correlação pertinente com a função argumentativa das modalidades nos artigos científicos.

3. Manifestação das modalidades e seu uso argumentativo

Partindo do pressuposto de que a manifestação das modalidades pode acontecer por meio de diferentes recursos linguísticos, sob diferentes formas de emprego, nossa análise considera esses diferentes empregos, representados pelos verbos, advérbios, substantivos, auxiliares modais, etc., e também a manifestação dos mesmos itens lexicais sendo utilizados para fins distintos.

Como exemplo de um mesmo item lexical utilizado com funções diferentes, apresentamos algumas possibilidades do uso do verbo **poder** estudadas por Koch (1996, p. 74):

- Paulo **pode levantar** este embrulho sem esforço. (Capacidade física)
- Paulo **pode ir** ao cinema hoje, eu lhe dei minha permissão. (Permissão)
- Cuidado, esta jarra **pode cair!** (Possibilidade)
- Os inimigos **podiam ser** uns cem. (Probabilidade)
- O pai **pode castigar** os filhos desobedientes. (Possibilidade/ Permissão)

Vejamos um exemplo do *corpus* em que um recurso linguístico é utilizado com um valor dentre dois que pode expressar.

- 1) Partindo-se do princípio de que um dicionário de língua **deve ser** avaliado a partir de sua concepção teórica, entendendo-se esta como uma teoria gramatical, uma das primeiras dificuldades enfrentadas pelo dicionarista é como organizar verbetes de palavras gramaticais. (BORBA, 2007, p. 137)

Na proposição, temos o verbo dever (auxiliar modal) + (infinitivo), empregado com uma modalidade deôntica, já que se faz uma recomendação, com um viés de necessidade; entretanto o mesmo auxiliar pode ser usado para indicar uma possibilidade como em “João deve estar em casa”. Portanto, um mesmo item lexical pode exercer mais de uma função no texto.

O uso dos advérbios modalizadores é outro recurso linguístico do falante para marcar sua atitude em relação àquilo que diz, com consequências na argumentação. De acordo com Neves (2000, p. 237 - 238) os advérbios modalizadores podem ser classificados em:

Epistêmicos: indicam a crença, uma opinião, uma expectativa sobre a asserção. (provavelmente, realmente, certamente, possivelmente, etc.)

Delimitadores ou circunscritores: delimitam o ponto de vista sob o qual uma asserção pode ser considerada verdadeira. (historicamente, genericamente, teoricamente, tecnicamente, etc.)

Deônticos: apresentam uma obrigação, uma necessidade (obrigatoriamente, necessariamente)

Atitudinais: indicam uma apreciação sobre o conteúdo da asserção. (felizmente, positivamente, infelizmente, etc.)

Na análise desta pesquisa, observamos não só a manifestação das modalidades utilizada sob diferentes formas de emprego, mas também levamos em consideração a manifestação dos mesmos itens lexicais sendo utilizados para desempenhar outras funções nas partes da estrutura do gênero artigo científico.

3.1 Análise qualitativa das modalidades nos artigos científicos da área da Linguística

Ao utilizar as modalidades epistêmicas, o produtor do texto inevitavelmente transita entre diferentes graus de certeza absoluta e de incerteza. De acordo com a intenção

comunicativa, o discurso se apresentará, por meio das modalidades, relativizado (não conhecimento) ou marcado pela presença da certeza, da asseveração (conhecimento).

Em alguns momentos, no artigo científico, o autor ao perceber algo como necessário, fundamental, indispensável de acontecer, lança mão das modalidades aléticas com intuito de afirmar algo que ele acredita como possível de se realizar, sem afirmar categoricamente. Isto o preserva, pois sempre pode afirmar que propôs uma possibilidade, mas não a verdade ou a possibilidade única.

Convém ressaltar que as modalidades são diferentes possibilidades que a língua nos oferece para expressar as nuances de atitude do falante em um discurso. Desse modo, observemos as asseverações e as relativizações que aparecem no *corpus* dos artigos analisados por nós.

Assim, nos exemplos (2) a (6) pode-se ver a marcação da certeza sobretudo pelo presente do indicativo em todos os exemplos; e da incerteza, da dúvida, da possibilidade pelo futuro do pretérito (Ex.: 2 e 4), pelo auxiliar poder (Ex. 3), pelo verbo parecer (Ex. 5), pelo advérbio pretensamente (Ex. 4) e pelo adjetivo provável (Ex. 6). Para facilitar a identificação, optamos por colocar a marca modalizadora de incerteza em letras MAIÚSCULAS e de certeza em **negrito**.

- 2) SERIA PRECISO ocupar-se de textos que **operam** com a paixão, definida como qualquer “estado de alma”. (FIORIN, 2007, p.10). (introdução - do que trata a pesquisa)
- 3) PODE-SE TOMAR essa distinção para dizer que a Semiótica **estuda** as paixões manifestadas na enunciação e no enunciado. (FIORIN, 2007, p.11). (introdução - do que trata a pesquisa)
- 4) Por um lado, **conferem** a Saussure a emergência da autonomia de um objeto e o advento da positividade científica de uma teoria e de um método; por outro, **reclamam** a necessidade de se focalizar aquilo que **PRETENSAMENTE TERIA SIDO** excluído das considerações saussurianas, como a “subjetividade na linguagem” e a “ordem do discurso”. (PIOVEZANI, 2008, p. 8). (introdução - do que trata a pesquisa)
- 5) Mas o que mais chama a atenção é a variedade dos tipos de informação, de tal que cada uma **PARECE** exclusiva, e **não é, é claro**. (BORBA, 2007, p. 138). (introdução - do que trata a pesquisa)
- 6) A causa mais **PROVÁVEL** dessa situação **está** na ausência de teoria

gramatical subjacente à organização do dicionário, já que é essa teoria que lhe dá coerência interna. (BORBA, 2007, p. 139). (introdução - do que trata a pesquisa)

No exemplo (6), o adjetivo provável relativiza a certeza da causa da situação estar na ausência de teoria gramatical. Parece que o produtor afirma categoricamente a proposição, mas a relativiza com o adjetivo provável para evitar um confronto forte. Muitas vezes a certeza aparece conjugada com a possibilidade que relativiza um bloco de certezas. Observe-se também que, por vezes, como no exemplo (4), dois recursos (advérbio - **pretensamente** e futuro do pretérito - **teria sido**) podem somar forças para um mesmo fim.

Como se vê nos exemplos (2) a (6), nos artigos científicos, um dos recursos que o autor utiliza para marcar a certeza é por meio do presente do indicativo; a dúvida, a incerteza e a hipótese são marcadas pelo futuro do pretérito do indicativo, pelo adjetivo: provável e pelo auxiliar modal poder

De acordo com Travaglia, “o valor básico do futuro do pretérito é indicar a posterioridade seja ela temporal ou nocional.” (TRAVAGLIA, 1999, p. 683). Para as situações expressas posteriores a um determinado momento têm-se diferentes valores nocionais, tais como: polidez, cortesia, condição, incerteza, hipótese, dúvida. Esses valores desencadeiam o que habitualmente chamamos de valores modais. São esses valores modais de possibilidade e probabilidade que aparecem com regularidade quando o autor apresenta sua pesquisa no movimento do que trata a pesquisa.

Em relação às modalidades epistêmicas de certeza, elas também podem vir combinadas às modalidades aléticas de possibilidade como em (7) e (8):

- 7) **É possível identificar** como um macro-campo-lexical, que abarca a todos os outros campos estudados, o campo lexical do agrado, fundamentado na vida afetiva. (MIRANDA, 2006, p. 79) (possibilidade + certeza) (desenvolvimento - proposta da análise)
- 8) Como afirmam Carel & Ducrot (1999, p.11), “s’ils font sens, c’est ensemble” (se eles fazem sentido é no conjunto). Seguindo esse raciocínio, **é possível entender** que o encapsulamento que retoma um segmento do enunciado apenas constata, sem argumentar. (GRAEFF, 2007, p.197) (possibilidade + certeza) (conclusão - balanço dos resultados)

O uso da modalidade epistêmica de certeza e da modalidade alética de possibilidade têm a função de fazer com que o leitor confie nas asserções do produtor, vendo a situação como

algo viável, possível de se realizar. Porém, esse mesmo produtor, em momentos de incerteza e para não demonstrar falta de domínio sobre o assunto, utiliza o jogo da modalidade, ou seja, alterna entre a certeza absoluta e a incerteza para justificar uma possível dúvida que tem em relação ao assunto tratado e, conseqüentemente, obter a confiança do leitor sem utilizar um discurso autoritário. Por exemplo:

- 9) De forma bem simplificada, PODER-SE-IA dizer que o termo hipertexto **designa** uma estrutura não-sequencial e não-linear, que se **ramifica** de modo a permitir ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado a outros textos, na medida em que **procede** a escolhas locais e sucessivas em tempo real. (KOCH, 2007, p. 25). (introdução - do que trata a pesquisa)

Em (9) a autora inicia o enunciado, utilizando o verbo no futuro do pretérito poder-se-ia, marcando a possibilidade de uma certeza para depois inserir, no enunciado, os verbos no presente do indicativo: designa, ramifica, procede. Assim, podemos verificar que essas escolhas linguísticas têm a função de marcar algo como certo em um enunciado que foi a princípio relativizado. Isto é, mesmo com a introdução de um modo verbal que indica uma relativização, a autora se posiciona de maneira assertiva em relação ao assunto abordado.

No final da introdução do artigo científico, observou-se a presença de verbos marcadores de ordenação textual, que geralmente atuam como ordenadores por causa do tempo - passado, presente ou futuro. Segundo Travaglia (1991), os verbos usados nessa ordenação são, geralmente verbos chamados de enunciativos e de tratamento de tópico. Os enunciativos se referem ao próprio ato de dizer. Alguns verbos que pertencem a esse grupo são: falar, dizer, perguntar, responder, afirmar, citar, expor, replicar, protestar, etc. (Cf exemplo 10). Os verbos de tratamento de tópico indicam como um tópico será posteriormente desenvolvido. Fazem parte desse grupo verbos como: buscar, ver, discutir, provar, apontar, propor, colocar, exemplificar, esquematizar, destacar, propiciar, verificar, desvelar, meditar, etc. Observam-se exemplos de verbos de tratamento de tópico nos exemplos (11) a (15). Os verbos de tratamento de tópico parecem ser mais numerosos do que os meramente enunciativos, o que parece ser uma estratégia para orientar o leitor para uma forma de abordar aspectos do tópico em discussão, o que, certamente, tem a ver com o desenvolvimento do raciocínio e a argumentação.

- 10) Para finalizar, **cumprir dizer** que a apresentação do trabalho não obedecerá à linearidade do texto. **Salientaremos** os vários enunciados que consistem em um fator de polifonia, tecendo os devidos comentários. (FARAH, 2008,

p. 212). (introdução)

- 11) Na discussão, estabeleço como esteio da língua, como uma definição primeira, a sua GRAMÁTICA, aquele aparato que leva ao cálculo de sentido da linguagem, e que organiza todo o entrelaçamento das relações que a sociocomunicação estabelece sustentado pela cognição. É neste ponto que **considero oportuno meditar** sobre esta frase aparentemente tão simples do semanticista Gennaro Chierchia: (NEVES, 2007, p. 82). (introdução)
- 12) Essa é a parte sombria da universidade. Nas relações acadêmicas, o *éros* está completamente ausente e o *thánatos* reina triunfante. E o sentimento que domina tudo é o ressentimento. **Vamos buscar entendê-lo e verificar** como ele se manifesta na academia. (FIORIN, 2007, p. 14). (introdução - apresentar objetivos)
- 13) Assim, o presente não herda o passado, mas o constrói à sua maneira. Na história da Linguística, a obra de Saussure não escapou dessas vicissitudes; antes, ela ressurgiu por várias razões. **Cabe-nos começar a refletir** sobre esse seu ressurgimento. (PIOVEZANI, 2008, p. 11). (introdução - apresentar objetivos)
- 14) Por isso, **proponho**, para as palavras gramaticais, uma teoria gramatical extraída dos princípios gerais do estruturalismo ortodoxo, de base distribucional, na linha de Harris. (BORBA, 2007, p. 139). (introdução - apresentar objetivos)
- 15) Dessa forma, cumpre-nos destacar que, com este trabalho, **pretendemos analisar** *Passarinho me contou* (PMC), livro destinado ao público infantil escrito por Ana Maria Machado (1984) em parceria com Ivan e Marcelo,.. (FARAH, 2008, p. 209). (introdução - apresentar objetivos)

Tanto os verbos enunciativos quanto os verbos de tratamento de tópico marcam segmentos da sequência linear em um texto, que orientam o leitor para um momento, seja anterior, simultâneo ou posterior, conforme se tenha passado, presente ou futuro, com valor de ordenação das ações feitas no texto. Nos exemplos retirados do nosso *corpus* os verbos remetem para as partes posteriores do texto, aquelas que ainda serão discutidas, analisadas, porque têm valor futuro.

Nas passagens (12) a (15), que se localizam no término da introdução do artigo, tem-se a ocorrência da modalidade volitiva de intencionalidade. O produtor textual apresenta a realização da situação como algo desejável, pretendido, e que, conseqüentemente, tem a intenção de realizar.

Assim, os organizadores textuais: vamos buscar, cabe-nos começar, proponho, pretendemos, desvelaremos, trataremos a seguir, têm a função de sinalizar o início da análise, e de marcar a intenção de realizá-la. Esses organizadores textuais por marcar intenções e pretensões, atuam, no final da introdução dos artigos científicos, como modalizadores que buscam a atenção do interlocutor para o que se vai desenvolver.

Na parte que se refere ao desenvolvimento dos artigos científicos, ao apresentar os dados, o produtor utiliza as modalidades com um grau maior de certeza.

Utilizando esse campo das modalidades, o produtor textual assume um comprometimento maior em relação ao que afirma, pois além de usar formas verbais marcadoras de certeza (geralmente o presente do indicativo ou pretérito perfeito como no exemplo (17) usa outros recursos, como os advérbios, que aprofundam o compromisso assumido com o que se diz, como nos exemplos (16) a (19), em que foram negritados os advérbios com essa função.

- 16) No entanto, os afetos marcam **profundamente** as relações acadêmicas. Não se trata do companheirismo, da benevolência, estados passionais da vida. O que governa a vida universitária são as paixões da morte: hostilidades, rancores, invejas, ressentimentos. (FIORIN, 2007, p. 13). (desenvolvimento - apresentar dados)
- 17) O fato de que a AD tenha surgido nesse contexto contribuiu **decisivamente** para promover a leitura que Pêcheux fez da obra saussuriana, quando da concepção dos primeiros textos da AD. (PIOVEZANI, 2008, p.14). (desenvolvimento - apresentar dados)
- 18) A situação apresentada acima mostra **especialmente** como a classe adverbial se expande pelo expediente da gramaticalização. (BORBA, 2007, p. 142). (desenvolvimento - do que trata a pesquisa)
- 19) Resguardadas as características individuais de cada herói bem como o que encontram e retiram do reino à procura do problema que eles supunham ser, são **exatamente** iguais as passagens que marcam seus feitos. (FARAH, 2008, p. 219). (desenvolvimento - proposta da análise)

A função de alguns advérbios modalizadores (modalidade epistêmica da certeza) é marcar um determinado elemento no interior do texto. O autor usa esses modalizadores para convencer o leitor de suas asseverações, e, assim, ganhar, com mais força, sua adesão. Segundo Ilari (2002), o caráter modalizador dos advérbios do tipo: profundamente, decisivamente,

especialmente, igualmente, tem como efeito de sentido enfatizar o conteúdo proposicional, revelando um alto grau de adesão do autor e buscando o mesmo grau de adesão do leitor.

Nos enunciados de (20) e (21), se as afirmações dos autores fossem relativizadas e indecisas, isso só traria prejuízo para a colocação dos seus argumentos. A intenção dos enunciadores é deixar explícito que o argumento apresentado não é apenas algo possível, mas, mais do que isso, é incontestável. Nestes exemplos o autor nos revela sua completa adesão ao assunto que propõe.

- 20) Por esta razão, autor e leitor do hipertexto são colaboradores ativos (o que, **evidentemente**, não é privilégio do hipertexto), de modo que há autores que propõem redefinir o leitor do hipertexto como *lautor (wreader)* ou *leitor liberto* da tirania da linha, já que ele mesmo, em certa medida, produz e consome o sentido do texto. (KOCH, 2007, p. 34). (conclusão – balanço dos resultados)
- 21) Assim, é pelas formas de interlocução com esse usuário que se pode compreender o imaginário de professor subjacente a eles – e ao livro como um todo – e as posições enunciativas que se constroem para que o professor as venha ocupar, como sujeito discursivo. **Evidentemente**, o professor real pode não ocupar essas posições e, até mesmo, resistir a elas, de maneira consciente. (GRIGOLETTO, 2003, p. 76). (introdução - do que trata a pesquisa)

Travaglia (1999), por sua vez, assevera que o falante dá destaque a determinados elementos dentro do texto, colocando-os em proeminência em relação a outros, utilizando o fenômeno chamado relevo. “[...] Parece que o falante dá relevo a elementos dentro do desenvolvimento do tópico discursivo por razões diversas, sobretudo por razões ideacionais/cognitivas, argumentativas e emocionais, com diferentes funções” (TRAVAGLIA, 1999, p. 78). A função básica do relevo é dar destaque, enfatizar, intensificar, reforçar um argumento.

Nessa linha de pensamento, pode-se dizer que o uso dos advérbios modalizadores nas proposições (16) a (21) configura-se como um recurso de relevo. Esse tipo de relevo pertence ao plano do relevo ideacional/cognitivo, pois o autor dá destaque a determinados elementos para os quais ele quer chamar atenção e que são relevantes para o que está sendo colocado. Desse modo, o fenômeno relevo ao colocar em proeminência determinados elementos dentro do texto, funciona como uma estratégia argumentativa. Por meio desse recurso, o autor destaca as informações que ele próprio considera essenciais para a sua enunciação, reforçando seus

argumentos. Assim, o produtor ressalta o que julga fundamental comprometendo-se por meio de advérbios, como vimos nos exemplos (16) a (21), dando destaque às ideias que ele considera importantes.

Por meio dos exemplos (22) a (25) que virão a seguir, observa-se a função dos advérbios modalizadores que é a de modalizar o conteúdo de uma asserção, intervindo no valor do enunciado. Vejamos a ocorrência de alguns advérbios modalizadores retirados do nosso *corpus*:

- 22) **Na verdade**, a contença é o resultado da fixação de determinados sentidos, o que, por sua vez, produz a ilusão de saturação. (GRIGOLETTO, 2003, p. 81). (na verdade – (locução) advérbio epistêmico) (desenvolvimento - proposta da análise)
- 23) Resta ressaltar que a necessidade de acenar para a (pós-) modernidade, para o novo, para um conhecimento do que **recentemente** se estabeleceu como “moderno”, responde a uma ânsia de atualização como inserção no mundo de hoje e denuncia a existência de fragmentos do discurso científico da Linguística Aplicada e da Pedagogia, na constituição do imaginário da personagem (professor) e do professor (-personagem). (CORACINI, 2006, p. 18). (recentemente - advérbio delimitador ou circunscritor) (desenvolvimento - proposta de análise)
- 24) Na atualidade, a imprensa assume um papel preponderante na construção de novos estereótipos e reforço de antigos. “Reciprocamente”, sustenta Amossy, “a produção cultural se nutre das imagens que circulam na sociedade contemporânea”, que, por sua vez, se assenta **necessariamente** em um estoque pré-existente de representações coletivas, fazendo modificações necessárias, alcançando mais ou menos sucesso. (MIRANDA, 2006, p.78) (necessariamente - advérbio deôntico) (desenvolvimento - análise dos dados)
- 25) Para sustentar essa tese, Nova utiliza-se de recursos lingüísticos e estratégias discursivas que tornam seu formato e o seu conteúdo persuasivo e sedutor, lançando mão de aspectos de verossimilhança, de modalizações peculiares, tais como o uso do imperativo e a transparência do enunciado, ou melhor, aquilo que torna o enunciado mais **facilmente** compreendido pelo alocutário. (MIRANDA, 2006, p. 80) (facilmente - advérbio atitudinal) (conclusão - balanço dos resultados)

Em seu artigo sobre advérbios, Neves (2000, p. 245) apresenta as subclasses dos advérbios modalizadores, entre essas subclasses temos os modalizadores epistêmicos de certeza (exemplos 20, 21, 22). Nesse caso, a função do advérbio é asseverar, marcar uma adesão do falante ao que ele diz, adesão mediada pelo seu saber sobre as coisas.

Neves (2000) propõe uma subclassificação dos modalizadores epistêmicos (asseverativos): em afirmativos (de factualidade = evidentemente, realmente, obviamente...), negativos (de contrafactualidade = de jeito nenhum, de forma alguma), e relativos (de eventualidade = talvez, provavelmente, eventualmente...).

- 26) Uma análise funcionalista faz, acima de tudo, a interpretação dos textos, que são considerados as unidades de uso – portanto discursivo-interativas - embora, **obviamente**, ela vá à interpretação dos elementos que compõe as estruturas da língua (tendo em vista suas funções dentro do todo o sistema linguístico) e à interpretação do sistema (tendo em vista os componentes funcionais). (NEVES, 2007, p. 89-90). (obviamente - advérbio epistêmico de factualidade) (desenvolvimento - apresentar dados)
- 27) [...] assim, uma textualidade cuja coerência acaba sendo uma construção pessoal, visto que, como já dissemos, não haverá, **efetivamente**, dois textos **exatamente** iguais na escritura hipertextual. (KOCH, 2007, p. 35). (exatamente/ efetivamente - advérbios epistêmicos de factualidade) (conclusão – balanço dos resultados)

No exemplo (27), temos o modalizador epistêmico de factualidade (asseverativo), em que o conteúdo do que se diz é apresentado com uma expressão negativa (não haverá) que é reforçada pelo advérbio **efetivamente**, com o intuito de asseverar aquilo com que o autor não concorda.

Em (26) e (27), ao afirmar com segurança o conteúdo, o autor utiliza a modalidade epistêmica (certeza) para defender a ideia que propõe. Este é mais um dos movimentos que aparecem em toda a superestrutura do artigo científico, mais especificamente no movimento proposta da análise, em que o autor propõe uma ideia e a defende usando a modalidade epistêmica de certeza.

Na realidade, o que o autor quer com uso dos advérbios asseverativos é marcar seu enunciado como merecedor de crédito. Entretanto, esse tipo de advérbio nem sempre garante que o conteúdo do que se diz seja, realmente, verdadeiro ou não verdadeiro, ou possível. De acordo com Neves, existem pessoas que, antecipando-se a uma possível desconfiança de seu interlocutor, modalizam continuamente o seu enunciado com elementos asseverativos. (NEVES, 2000, p. 248). Alguns tipos de interlocução muitos frouxos, nos quais falta consistência, e, a partir daí a baixa credibilidade do que é dito se compensa com uma manifestação repetida de certeza ou de crença.

Partindo dessa argumentação, podemos concluir que o uso excessivo dos advérbios asseverativos, dentro de um texto, pode se tornar uma “faca de dois gumes”. Com o intuito de garantir o conteúdo daquilo que diz, o autor, por meio de repetições de termos, pode tornar o texto enfadonho, cansativo, gerando, assim, um desinteresse por parte do leitor. Entretanto, se a utilização desses recursos for bem empregada, o autor poderá aumentar ainda mais sua credibilidade em relação ao auditório que deseja persuadir. Em outras palavras, o uso de advérbios asseverativos, tais como: exatamente, efetivamente e realmente, pode se tornar um recurso linguístico de grande proveito, mas se o autor fizer o uso exagerado desse recurso, correrá o risco de perder a confiabilidade do seu leitor.

Vimos até agora a utilização das modalidades epistêmicas e aléticas, numa alternância constante entre o crer e o saber. Além do uso frequente dessas modalidades, em nossa análise, constatamos também o uso da modalidade imperativa (ordem). Essa modalidade aparece em diferentes partes do artigo científico.

Vê-se no exemplo (28), que a posição do autor é a de determinar algo ao leitor sem que seja contra argumentado ou contestado, por meio da modalidade imperativa (ordem marcada pelo verbo no modo imperativo na 1ª pessoa do plural: *acrescentemos*). Neste caso, a ordem tem a função de fazer com que o autor se resguarde de um possível questionamento que possa vir a aparecer em relação ao assunto tratado. O autor dá uma ordem para que ele mesmo execute determinada ação, ou seja, apresenta a situação como criadora de obrigações para ele próprio. Além disso, ao inserir no enunciado o termo “de imediato”, o autor inicia uma explicação antecipada dos possíveis resultados que o leitor poderá encontrar na análise. Neste exemplo, podemos inferir que o autor dá essa explicação porque ele mesmo acredita que a leitura que a Análise do Discurso faz do Curso de Linguística Geral de Saussure é polêmica.

28) **Acrescentemos**, de imediato, que as diversas respostas a **serem dadas** à primeira questão **dependerão** daquelas que **PODEM SER** formuladas para responder a essas últimas. (PIOVEZANI, 2008, p. 7). (introdução - do que trata a pesquisa)

Observe-se nos exemplos (29) a (31) que a ordem dada deve ser executada tanto pelo autor quanto pelo leitor.

29) Na enunciação, temos o “discurso apaixonado”, quando dos elementos linguísticos depreende-se um tom passional presente no próprio ato de tecer

o texto. Por exemplo, quando se lê o poema Navio Negreiro, de Castro Alves, percebe-se a indignação com que se enunciam seus versos. É chamada “ira condoreira” que preside ao ato enunciativo. **Tomemos** um exemplo do final do poema: (FIORIN, 2007, p. 11). (desenvolvimento - apresentar dados)

30) **Fixemos** como primeira interface a ser considerada a que existe entre GRAMÁTICA e POLÍTICA. (NEVES, 2007, p. 83) (desenvolvimento - proposta da análise)

31) Nesse sentido, os prefácios apresentam uma profusão de construções sintáticas que estabelecem essas relações. A título de exemplo, **vejamos** os seguintes excertos: (GRIGOLETTO, 2003, p. 78). (desenvolvimento - apresentar dados)

Podemos verificar nos exemplos (29) a (31) que a ordem tem a função de estabelecer a comunhão com o leitor por meio de um convite. De acordo com Cardoso, em sua análise sobre os anúncios publicitários, quando se é verificado “[...] o uso da marca verbal no imperativo, certamente, esse uso não denota uma ordem, mas um uso estrategicamente argumentativo em que o locutor faz uma proposição, ou seja, uma sugestão, um convite à ação” (CARDOSO, 2010, p. 70). Aqui, no artigo científico, parece que temos a mesma estratégia argumentativa. Assim, como nos anúncios publicitários, o uso da modalidade imperativa com outra função que não a ordem, é utilizada nos artigos científicos. Ao lançar mão do verbo no modo imperativo, o autor não tem intenção de impor algo para que o leitor execute, mas sim convidá-lo a participar como coautor na elaboração do texto. O que o autor pretende é estabelecer a comunhão com o leitor. De que maneira? Convidando-o a participar da construção do texto, aderindo ou refutando os argumentos apresentados. Essa estratégia da comunhão tem inequívoca força argumentativa, pois tende-se a aceitar melhor, mais facilmente, aquilo de cuja construção se participa.

Na parte que trata sobre os resultados da pesquisa, os autores dos artigos analisados, ao expor de maneira resumida seus resultados, utilizam expressões, tais como: se pensarmos bem, provisoriamente, sugiro. Essas expressões dão ao leitor a possibilidade de ampliação da pesquisa.

32) **Se pensarmos bem**, são essas as substâncias que compõem a receita que molda o ambiente acadêmico em que vivemos: queixas, lamúrias, acusações, difamações, futricas, fuxicos, calúnias, mentiras, sob uma imagem de polidez e boa convivência. (FIORIN, 2007, p. 14). (conclusão -

balanço dos resultados)

No exemplo (32), o autor vê o leitor como cúmplice, pois o induz a pensar não só como ele, mas com ele, para chegarem juntos a uma mesma conclusão. Pode-se dizer que, de maneira implícita, o autor deseja a “parceria intelectual” do leitor. Esta é mais uma estratégia argumentativa que, como as outras, foi sendo construída ao longo do texto por meio das modalidades.

- 33) Com vistas a encerrarmos **provisoriamente** nossa reflexão, limitar-nos-emos a um rápido comentário referente a dois pensadores incontornáveis na Análise do Discurso, quais sejam Pêcheux e Foucault. (PIOVEZANI, 2008, p.21). (conclusão - apresentar perspectivas)

No exemplo (33) estamos diante de um advérbio delimitador que pertence à categoria dos modalizadores epistêmicos. Os advérbios delimitadores, de acordo com Ilari, “[...] estabelecem as condições para o entendimento de uma sentença ou de seus constituintes, restringindo o âmbito da informação veiculada.” (ILARI, 2002, p. 232). O advérbio **provisoriamente** interfere no entendimento da proposição e “controla” se o assunto deverá ser finalizado ou não. O termo provisoriamente nos dá a ideia de que a discussão será finalizada por um tempo determinado, mas também implica em um desejo de que ela seja retomada em um futuro próximo. Estamos, assim, diante da ocorrência da modalidade volitiva, atuando juntamente com a modalidade epistêmica.

- 34) Com base nos posicionamentos teóricos expostos, **sugiro** o arranjo abaixo para Prep e Adv, ilustrando com *de*, preposição que foi o objeto de minha primeira publicação acadêmica (BORBA, 1965) e *dentro*: (BORBA, 2007, p. 145). (conclusão - balanço dos resultados)

Em (34), o produtor apenas sugere uma das análises possíveis em relação ao que foi pesquisado. Ou seja, o autor coloca uma conclusão como uma alternativa, uma possibilidade entre outras. “O enunciador faz recomendações ao interlocutor, com base na autoridade de autor e pesquisador bem-sucedido” (CORACINI, 1991, p. 129).

Nos exemplos (32) a (34), a manifestação das modalidades na conclusão dos artigos científicos nos mostra que o autor deseja que a pesquisa prossiga, pois, para ele, o estudo feito não se esgota com apenas uma abordagem, um ponto de vista. Na realidade, o autor quer que

sua pesquisa seja valorizada, que a sua análise assuma uma postura mais ampla. Estrategicamente também apresenta sua contribuição como não definitiva ou completa preservando-se de possíveis contra-argumentos, por meio da modalidade volitiva que aparece no movimento: apresentar perspectivas da conclusão.

Por meio da nossa análise, verificamos que nos artigos científicos há regularidade de uso da modalidade alética da necessidade, marcada pelo auxiliar modal *dever*, atribuindo poder às palavras para modificar uma situação. Além disso, também encontramos a incidência da modalidade alética, com a função de criar uma obrigatoriedade para o leitor (ato ilocucionário), por meio de predicados cristalizados, como: *é necessário*, *é preciso*, *é importante*. Assim, a partir dessa constatação verificamos que a função dessas modalidades, na conclusão dos artigos científicos, é fazer com que o leitor realize uma ação, ou seja, execute algo que o autor vê como essencial, necessário. Segundo Travaglia “a necessidade é uma modalidade que pode criar uma implicação de obrigatoriedade de realização.” (TRAVAGLIA, 1991, p. 81). Às vezes, ela pode ser quase deôntica como nos exemplos a seguir.

- 35) **É necessário fazer** com que o aluno perceba as estratégias discursivas presentes em um texto. (FARAH, 2008, p. 222). (conclusão - balanço dos resultados)
- 36) Nesse sentido, creio que **é preciso** não tentar “suplantar” as posições subjetivas que são oferecidas aos professores pelos vários discursos que os constituem, justamente porque se trata de constituição, que não se apaga; ao contrário **é preciso** permanecer nesse espaço discursivo, analisá-lo e interrogá-lo, sobretudo, buscando compreender a opacidade dos sentidos e os deslocamentos como forma de produzir o novo, já que o novo nunca é totalmente estranho ao que já está posto. (GRIGOLETTO, 2003, p. 86). (conclusão - balanço dos resultados)
- 37) Para garantir ou, pelo menos, facilitar a construção da coerência no hipertexto, **é importante** que o produtor considere quais os conhecimentos necessários para a compreensão dos outros tópicos, isto é, aqueles módulos de que o usuário necessita para compreender o módulo em tela. (KOCH, 2007, p. 34). (conclusão - balanço dos resultados).

Podemos perceber também que as expressões cristalizadas, como as dos exemplos acima, explicitam a autoridade do autor sobre o leitor, que combinando as modalidades aléticas às deônticas camuflam a existência de uma relação de dominação. Essa combinação tem também a função de desencadear um desejo de aliança, de cumplicidade do autor com o leitor,

o que faz com que o produtor adquira uma posição de simpático conselheiro mesclada com um tom “quase” autoritário.

No levantamento que fizemos, objetivamos analisar as modalidades em seu funcionamento dentro do artigo científico, ou seja, verificar a regularidade com que a modalização nos artigos científicos na área da Linguística acontece. Assim, a partir dessa análise pudemos observar que:

- a) o principal objetivo do autor ao modalizar seu enunciado é buscar a adesão do leitor e, conseqüentemente, mantê-la;
- b) vendo o leitor como alvo para aderir a seus posicionamentos, o autor modaliza seu enunciado, alternando-o entre o crer e o saber, em uma atitude estratégica;
- c) o autor apresenta suas ideias, relativizando-as e colocando-as como certas, com o intuito de se resguardar de possíveis contra argumentações, por meio das modalidades.

4. Conclusão

Este estudo procurou verificar a regularidade com que as modalidades se manifestam e qual a função que elas desempenham nos artigos científicos em diferentes categorias de sua superestrutura.

Na parte que se refere à introdução, a manifestação das modalidades alterna-se entre a possibilidade e a incerteza, pois ao iniciar um artigo, o autor busca respostas para os seus questionamentos, portanto as dúvidas se instauram. Dessa maneira, ele relativiza suas afirmações para não perder, logo de início, a credibilidade do leitor. Os verbos no presente do indicativo e no futuro do pretérito do mesmo modo estão presentes nos exemplos analisados. Os valores modais de possibilidade e de probabilidade estão sempre expressos nas introduções dos artigos analisados. É importante ressaltar que nesta parte do texto há também a incidência das modalidades aléticas e volitiva.

No que diz respeito ao desenvolvimento, a intenção do autor é comprovar a veracidade de sua pesquisa, e assim reveste-se de autoridade. Para tanto, utiliza da certeza (modalidade epistêmica), e ao mesmo tempo, em uma atitude estratégica, deixa transparecer a dúvida, por meio dos advérbios modalizadores a fim de ganhar a adesão do leitor em relação àquilo que diz.

Na conclusão do artigo científico, os autores, em geral, além de demonstrarem que seus enunciados são verdadeiros, usando modalidades epistêmicas; demonstram que existe o desejo de que a pesquisa seja ampliada, usando a modalidade volitiva. Ou seja, os autores não oferecem respostas prontas e, ao avaliarem os dados analisados, sugerem novas pesquisas.

Concluimos, na análise dos artigos científicos da área da Linguística, que os autores/produtores utilizam, principalmente, as modalidades epistêmicas tanto na introdução, no desenvolvimento como na conclusão. Entretanto, esse tipo de modalidade estabelece diferentes funções para cada uma das partes da superestrutura do texto. Já a modalidade volitiva aparece apenas na introdução e no final da conclusão, para marcar intenções e pretensões com relação ao estudo registrado no artigo (introdução) ou as intenções ou possibilidades abertas pelo estudo (conclusão). Percebemos que as modalidades epistêmicas, aléticas e volitiva, comumente são utilizadas em textos científicos com nítida função argumentativa, desse modo, nos artigos analisados, esse recurso linguístico parece estabelecer-se como uma regularidade.

Por meio desta pesquisa concluímos que o uso das modalidades é extremamente pertinente para a realização do objetivo do autor que é influenciar o leitor a aceitar seus argumentos a favor de um ponto de vista. Isso pode explicar as escolhas desses recursos linguísticos na elaboração dos textos científicos correlacionadas com os argumentos apresentados em diferentes partes da superestrutura. Em outras palavras, o artigo científico mesmo sendo um texto em que é exigida a objetividade e a imparcialidade é modalizado em toda a sua superestrutura de acordo com a intenção do autor.

Referências

AQUINO, Z. G. O. **Conversação e conflito**: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

ARRUDA-FERNANDES, V. M. B. **Pressuposição, argumentação, ideologia**: análise de textos publicitários. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1997.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução a linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2, p. 245- 285.

CARDOSO, S. A. **Caracterização/escolha, presença e comunhão no anúncio publicitário: uma análise linguístico-discursiva**. 2010. 229 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

CASTRO, C. de M. **Estrutura e apresentação de publicações científicas**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

CORACINI, M. J. **Um fazer persuasivo**. O discurso subjetivo da ciência. São Paulo: Pontes, EDUC, 1991.

GUIMARÃES, E. R. J. **Modalidade e argumentação lingüística**. São Paulo, Tese de Doutorado/USP, 1979.

GUIMARÃES, E. Modalização e discurso científico. In: **Congresso Internacional de Pragmática**, 9., 2005, Trento. Trento: Universidad de Riva del Garda, 2005. Comunicação.

ILARI, R. Advérbios modalizadores. ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Unicamp, 2002.

KOCH, I. V. **Argumentação e Linguagem**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. Brasil: Atlas, 1982.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

PLATÃO, S.; FIORIN, F. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1996.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SWALES, J. **English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no Português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do Português falado**. V. VII: Novos estudos. 1a. ed. São Paulo / Campinas, SP: Humanitas / Editora da UNICAMP, 1999, p. 77-130.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil**. Campinas: UNICAMP/ IEL, Tese de Doutorado, 1991.

VAN DIJK, T. A. **La ciência del texto: um enfoque interdisciplinario**. Buenos Aires/Barcelona, Paidós, 1983.

ANEXO 1: Corpus – Artigos de Linguística utilizados na análise.

BORBA, F. S. A informação gramatical nos dicionários. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 137-149, 2007. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1429/1130>. Acesso em: 10 jun. 2009.

CORACINI, M. J. Pós-modernidade e novas tecnologias no discurso do professor de língua. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 7-21, 2006. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1392/1092>. Acesso em: 10 jun. 2009.

FARAH, A. G. Passarinho me contou: um canto polifônico. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 24, v. 2, p. 209-223, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25404>. Acesso em: 21 out. 2009.

FIORIN, J. L. Semiótica das paixões: o ressentimento. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 9-22, 2007. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1424>. Acesso em: 10 jun. 2009.

GRAEFF, T. F. Encadeamento argumentativo e encapsulamento anafórico. **Letras de Hoje**, [S.l.], v. 42, n. 2, jan. 2008. ISSN 1984-7726. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/face/ojs/index.php/fale/article/view/2420/1894>. Acesso em: 30 out. 2009.

GRIGOLETTO, M. Documentos de identidade: a construção da posição “sujeito-professor” nos livros didáticos de inglês. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 19, n. 1, p. 75-84, 2003.

KOCH, I. G. V. Hipertexto e construção do sentido. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 23-28, 2007. Disponível em: <http://piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1425/1126>. Acesso em: 7 ago. 2009.

MIRANDA, C. E. S. Mídia e identidade: a construção do discurso amoroso em revistas femininas. **Letras & Letras**, v. 22, n. 2, p. 65-84, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25233/14048>. Acesso em: 21 out. 2009.

NEVES, M. H. de M. A gramática e suas interfaces. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 81-98, 2007. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1427/1128>. Acesso em: 07 ago. 2007.

PIOVEZANI, C. Saussure e o discurso: O Curso de Linguística Geral lido pela análise do discurso. **Alfa**, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 7-20, 2008. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4172/3770>. Acesso em: 13 jun. 2009.

Artigo recebido em: 09.01.2017

Artigo aprovado em: 28.04.2017